

## Joaquim Brasil Fontes: O livro dos simulacros<sup>1</sup>

Pedro Meira Monteiro<sup>2</sup>

Do alto de Notre Dame, a estrige de Méryon cisma sobre Paris. Ao seu lado, queixo apoiado nas mãos, o escritor descansa seu olhar sobre a cidade. Um único som, a conspurcar o silêncio dos labirintos de pedra, lá embaixo, e o artifício se desfará, restando nada, ou quase nada, ao leitor atônito. Apenas poeira, do que antes eram construções sólidas.

Suma dificuldade resenhar *O Livro dos simulacros*, de Joaquim Brasil Fontes. Envergonha-nos, normalmente, a dissimulação, mesmo quando praticada por um espírito fino. Resta-nos sempre a sensação do logro, como se o *figmentum malum* pascalino nos espreitasse, a lembrar-nos o fundo vil de nossa natureza enganada. Mas bem outro é o registro deste livro.

Poder-se-ia dizer, talvez, que foi escrito sob a insígnia de Montaigne, o mais livre e rigoroso dos espíritos. Assim a epígrafe, roubada aos *Ensaio*s, grava o pórtico deste livro de simulacros, para, já no início da viagem, rasgar-nos a imaginação com sua flecha letal, soprando o segredo para adentrá-lo:...*Na ociosidade do espírito se dispersa em mil pensamentos diversos e, ao contrário do que se imaginava, caracolando como um cavalo em liberdade, cria ele cem vezes maiores ocupações do que quando tinha um alvo preciso fora de si mesmo. E engendra tantas quimeras e idéias estranhas, sem ordem nem propósito, que para perceber-lhe melhor a inépcia e o absurdo, as vou consignando por escrito, na esperança de, com o correr do tempo, lhe infundir vergonha.*

Velho tópico, este do ócio criativo. O *Livro dos simulacros* fornece pistas falsas e divertidas, bem ao gosto do autor (e que se lembre: o *divertissement* tem a ver com o teatro, isto é, com as máscaras empunhadas com graça e decoro). Mas esta — arrisco afirmar — será uma pista boa, e esquisita: delicadamente, o professor-titular desce de sua cátedra e sugere que deitemos por terra nossas pretensões escolares, convidando-nos ao ócio, à antiga. O que ele oculta, neste momento inaugura, é que mesmo Montaigne precedeu seu elogio da ociosidade com as imagens do amanhã e da sementeira, para somente então lembrar que se entregava ao delírio. Mais tarde, no corpo do livro, Joaquim lembrará todo o texto do mestre, e sua fina ironia.

Seria preciso boa dose de ingenuidade para acreditar que a consignação das idéias (*les mettre en rôle...*) não guarde um vestígio sequer do trabalho precioso

<sup>1</sup> Editora Clavicordio (Florianópolis), 2000.

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia e Doutor em Letras pela UNICAMP.

de ordenação. Haverá sempre algo de clássico desvelando-se aqui: as estruturas do edifício restam ocultas, e tudo parece solto, deliciosamente solto. Perfeita simulação da natureza, suprema dissimulação do poeta, ele mesmo criador de um papel, um *rôle*.

Penso que, mais que “resenhar” o livro de Joaquim Brasil Fontes, submetendo-o à violência dos resumos, valha a pena colher um fio que talvez nos ajude a compreendê-lo, permitindo lembrar certa obsessão do autor. Não é de agora que os fragmentos o fascinam. O esplêndido *Eros, tecelão de mitos*, hoje esgotado, batia-se com os vazios deixados (por quem?, por que mãos impiedosas?) entre os fragmentos da poesia de Safo, recusando a inteireza impossível do que se perdeu, para apresentar os escólios sob uma forma bem pouco convencional, fugindo às expectativas acadêmicas, essencialmente escolásticas. Assim também, uma experiência narrativa recente, eivada de reminiscências autobiográficas e sinais deliberadamente falsos, pode mergulhar o leitor nos quatro tempos de um percurso frenético e híbrido, mas especialmente fraturado, como é o movimento d’*A musa adolescente*.

As recusas da ordem convencional não deixam ocultar-se, porém, o drama terrível do escritor, solitário diante do branco do papel, tendo por única companhia a linguagem morta e muda, a descansar no fundo negro de um tinteiro. Não será à toa se uma das imagens da leitura é a de Sartre, infante, descobrindo o livro. As palavras, afinal, rompendo o silêncio, eram capazes de fazer falar não mais a figura alucinada da mãe do escritor, mas o próprio Livro, o qual, repentinamente, vomita um mundo fervilhante de sons, sub-repticiamente transformados em sentido, alinhados numa história. Mas uma dúvida é capaz de nos perturbar o semblante (enquanto leitores, devemos oferecer ao escritor nosso sofrimento, único voto que nos reclama o livro), fazendo-nos estremecer: haverá ao fim algo mais que o branco que inaugura e fecha o ato de ler? Haverá algo mais que o silêncio, que descansa entre os fragmentos, ali onde se autenticam sinais invisíveis? Nem mesmo a imperiosa grafia das pedras é segura, porque somos incapazes de saber se de grafia se trata! E se tudo o que escrevemos não passar de outra coisa, sempre outra coisa que aquilo que se pensa escrever?

O livro que o leitor terá em mãos é povoado por desenhos, retratos, divisas, vinhetas. Em dado momento, o elegante tipo Windsor é abandonado, para descobrirmos o calígrafo Joaquim Brasil Fontes. Convirá notar, então, que a raia a separar desenho e escrita alfabética é tênue, tão mais artificial quanto pretenda nossa imaginação estremá-los – desenho e letra, – supondo talvez que, dominando nosso alfabeto, abandonamos um mundo primitivo, feito de imperfeitas cópias. Mas as marcas, no *Livro dos simulacros*, sugerem o contrário. Lá está Barthes, a lembrar-nos que as primeiras inscrições que os homens viram foram os rastros dos animais sobre a neve. Foi então que *lemos*, para depois *escrevermos*. Lá estão os hieróglifos. E o autor, lançando mão de seu *Memorial*, faz questão de

lembrar que “ler” é uma metáfora: na origem, está o ato de colher, expresso no verbo *legere*. Ler é um verbo “corporal”, porque o olho caminha pela página, colhe signos e recolhe sentidos. (A etimologia ensina a reencontrar o concreto de que derivaram nossas abstrações: precisamos semear antes que nos fosse permitido, ociosamente, delirar.)

A colheita é cuidadosa, e o que dela resta é o deleite da leitura. Não há excesso nem falta: tudo parece bem disposto neste livro, numa desordem bem concertada, que me faz pensar na imagem concreta do pregador: Joaquim Brasil Fontes será um *semeador*, mais que *ladrihador*. Entretanto, imagino um vento benigno a auxiliá-lo, o doce favônio a levar as palavras escolhidas, para as espalhar com graça, fazendo-nos esquecer que, no início de tudo, existia um plantador, e que, no percurso, o esforço fez-se suor.

O *Livro dos simulacros* está próximo dos fragmentos, nisto que é uma recusa do espírito escolástico, e entrega deliberada a um mundo de sinais equívocos, necessariamente equívocos, como se o enfrentamento da escrita nos obrigasse a adentrar não o terreno das meias verdades, mas o campo polissêmico do exercício criativo, envolvendo os sinais, envolvendo-se com os sinais, envolvendo-se nos sinais, como se serpenteássemos num jardim de letras e desenhos, de desenhos que ora são letras, ora outra coisa.

Há um curso (ironia?) no livro de Joaquim Brasil Fontes, sobre oralidade e escrita. Zadig lendo sinais, a leitura em silêncio, a representação, a ordem das coisas, a pictografia, ideografia, a escrita fonética, as chaves voltando para abrir universos de significação, os paralelos das formas de escrita, os alfabetos, a sagração do escritor, egípcios, chineses, sumérios, fenícios, gregos, a economia, a dúvida, a desencarnação da linguagem. Temerário seria juntar estes e muitos outros elementos, sugeridos no manuscrito, obrigando-os a um único percurso, quando, de fato, são anotações esparsas, quase irresponsavelmente jogadas sobre o papel: é direito nosso esperar a ligatura, onde o vazio é essencial?

A indesejável unidade segue, porém, a nos assombrar. Como se escavássemos freneticamente em busca do que se perdeu, do sentido ou do texto *original* que nunca, jamais será encontrado. Na Villa dei Papiri, enquanto *se retirava a lava que encobria Herculano e Pompéia, os especialistas começavam a desenrolar os textos, tentando identificá-los. Muitas vezes, porém, eles se desfaziam entre os dedos cuidadosos das mãos aflitas – e o vento soprava para longe o que poderiam ser as palavras de Safo de Lesbos.*

Os rolos de papiro conteriam os poemas perdidos de Safo. ‘*Está ali*’, disse o professor Giangrande. ‘*Ali, Não pode estar longe*’. A expectativa professoral recai sobre uma velha e oculta biblioteca, contendo os segredos e as chaves que teríamos perdido, em nossa modernidade. Mas que velho sonho será esse, de reencontrar a unidade perdida, tragicamente rompida?

Não é de hoje o sonho. Mas Joaquim Fontes não é um arqueólogo como o “professor Giangrande”. Mais humilde, ele se contenta (ou mais esperto, ele se delicia...) com os fragmentos, com a ordem fragmentária que é a nossa, desde que a unidade primitiva rompeu-se. O autor dos simulacros sabe o que espera os que pretendem recompor a ordem perdida: desespero e dor, expressos nas mãos sempre aflitas, por onde vaza o mais caro desejo.

Joaquim Brasil Fontes dissimula o tamanho do problema, e oculta-se a si mesmo, escritor, confundindo-se a outros e confundindo outros. Em todo o caso, por menos que o atraia esta pretensão heurística do professor Giangrande (um duplo?), ele sabe que há uma ordem, todavia imprecisa e leve, no fundo de seus escritos. Mas não há tocá-la.

Seu livro é coisa muita delicada. Bem vistas as coisas, nem asseguro que livro seja. Não me surpreenderia se, um dia, eu o visse desfazer-se por entre minhas mãos, em formas e sons estranhos: lagartas de trevoso canto, um louco Erasmo, fórmulas e explosões alquímicas, seres incompreensíveis, instrumentos de tortura e escrita, serpentes ondeantes, sinais que enganam e perdem o leitor. Não há recusa do sentido; haverá apenas uma escrita miserável, incapaz de auxiliar a si mesma no desvendamento do que seja ela própria.

E eis que chegamos ao fim, sozinhos com a linguagem, diante de um livro nem sempre compreensível... Sossegue entretanto o leitor. É provável que nem Joaquim domine os laços todos que costuram sua obra; é provável que a serpente que sua escrita abriga e envolve o espreite também, venenosa, pronta a dar o bote mortal. Mas se não tentou ele, escritor, desvendar completamente os sentidos da escrita, não tente o leitor fazê-lo. Seria provocar o monstro que descansa. Ou talvez, seria emitir o som fatal que destruiria a tudo: labirintos, estrige, autor e leitor. Sobretudo, mais um único e indelicado toque e cairia a magnífica catedral que contém *O Livro dos simulacros*.